

ENTRE O SENTIMENTO DA INFÂNCIA E A INVISIBILIDADE DAS CRIANÇAS NEGRAS: AMBIGÜIDADE NO SÉCULO XIX

JOVINO, Ione da Silva* – UEPG

GT-21: Afro-Brasileiros e Educação

Agência Financiadora: Ação Educativa

Introdução

A pesquisa ora apresentada foi formulada com base na necessidade de visibilizar a presença da criança negra no século XIX, buscando configurar a infância a partir desse recorte. Apesar da importância da criança como mediadora e produtora de sociabilidade nas famílias e entre elas, não havia muitas imagens sobre elas, e a pesquisa pretendeu mostrar de que maneira as crianças negras “são dadas a ver” por meio de fotos e imagens.

Dessa forma, o estudo sobre imagens de crianças negras no século XIX objetivou analisar as fontes iconográficas, considerando suas potencialidades como fontes históricas e documentais, classificando e estabelecendo ligações entre estas, as práticas e os saberes dos contextos em que foram produzidas, a exemplo de Ariès (1981) e Schwarcz (2001).

A partir de Fanon (1993), buscamos particularizar a vigência histórica, social e política, evidenciando descritiva e analiticamente como a idéia de raça legítima, de modo particular, poderes e hierarquias sociais, articula a cor, a fenotípia e a representação social do negro.

Observando em Munanga (2003) a inexistência de raças biológicas, apontamos que a raça tem existência nominal, efetiva e eficaz apenas no mundo social e, portanto, somente no mundo social pode ter realidade plena. Lembrando que o período estudado compreende um recorte do século XIX no qual a escravatura era realidade, cabe destacar que negros são os também chamados de crioulos, africanos, mulatos, pretos e pardos.

A respeito de criança e infância, é importante salientar que estas são noções construídas que mudam ao longo do tempo e se encontram em permanente

* Grupo de Estudos sobre a criança, a infância e a educação infantil: políticas e práticas da diferença (UFSCar) Projeto Imagens de Crianças e Infâncias. Edital Universal 2004 CNPq. Grupo de Estudos Educação e Diferença (UEPG. Orientadora: Anete Abramowicz).

reelaboração. Para Heywood (2004), “os termos ‘criança’ e ‘infância’ são compreendidos de formas distintas por sociedades diferentes” (p. 12).

A infância tem em si a idéia de tempo, da experiência, da linguagem. Do ponto de vista da sociologia, a criança e a infância são construções sociais produzidas a partir das práticas sociais e desta forma, tanto a criança quanto a infância não podem ser vistas como únicas e universais. São plurais: infâncias e crianças, esta pluralidade, do ponto de vista de alguns autores, deve ser entendida enquanto uma multiplicidade que pode ser cartografada. Afasta-se, assim, da visão biológica que vê a criança como um corpo único, com características universais. Neste caso temos a passagem de uma visão que pensa a criança para uma visão que vê **uma** criança. **Da** criança: única e universal para **uma** criança: impessoal, singular e múltipla.

Procuramos trabalhar com imagens de crianças e com os indícios de infância, elementos da cultura atribuídos às crianças, levando em conta que os seres humanos transitam por duas linhas não excludentes: a infância como tempo cronológico e a infância como experiência de vida.

Para a configuração do *corpus* das imagens, buscamos alguns acervos na cidade de São Paulo, bem como bibliografia específica sobre imagens de negros no século XIX. As imagens provêm do acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo (MP/USP), especialmente da coleção de fotos de Militão Augusto de Azevedo¹. Segundo Kossoy (2002), os álbuns de retrato de Militão constituem “um tipo de documentação raro na história da fotografia no Brasil” (p. 68). Esse acervo, com seis volumes, conta com aproximadamente 12.500 retratos. Toda a coleção de Militão foi examinada, resultando na seleção de aproximadamente 50 fotografias com pessoas negras, das quais cerca de 27 apresentavam crianças e jovens negros.

Uma estratégia para o entendimento das imagens foi sua análise com base no contexto da escravidão. Assim, as fotografias de Militão comporiam o panorama da segunda metade do século XIX, mais especificamente dos anos de 1860 a 1885. A partir daí, foi necessária a inclusão de outras imagens do início do século XIX, as quais foram

¹ Militão Augusto de Azevedo fotografou em São Paulo entre 1862 e 1885, tendo, “na cidade que se modificava rapidamente, uma clientela abrangente e diversificada que atravessava os diferentes estratos sociais”. Seus álbuns de retrato, registros de controle de sua atividade cotidiana, “formam, no seu conjunto, uma verdadeira ‘enciclopédia visual de personagens sociais’ da vida paulistana e brasileira”. Ver KOSSOY, B. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002; p. 68.

selecionadas entre as gravuras de Jean-Baptiste Debret², produzidas entre 1816 e 1834, com base em duas obras que constam da bibliografia deste artigo, pela importância e pela ampla reprodução dessas imagens (em aberturas de novelas televisivas, ilustrações de livros didáticos ou em outras produções acadêmicas e artísticas), pela constante referência a elas nos estudos sobre o negro no século XIX e, principalmente, pelo fato de a representação das crianças ser quase despercebida na análise dessas imagens. Tais imagens fixaram uma forma hegemônica de imaginar a escravidão, ou seja, quando imagetivamente pensamos escravidão, a concebemos aprisionados por estas imagens. Portanto, uma das contribuições deste trabalho é “fazer fugir” a maneira iconográfica pela qual as crianças são representadas na escravidão.

Segundo Veyne (1998), o que é “feito” (objeto) se explica pelo que foi o “fazer” em cada momento da história. O “fazer” é a prática e não se explica pelo que é feito. O objeto não é preexistente, as práticas determinam e produzem o objeto. Ou seja, cada prática engendra o objeto que lhe corresponde. A partir da análise, em primeira instância, da bibliografia específica sobre negros na iconografia do século XIX e depois sobre escravidão, nossa questão abrangeu as formas de existência da criança e da infância negras produzidas pelas práticas escravistas.

Ainda que presentes nas imagens, porque o silêncio sobre as crianças era tão grande? Investigar aquilo que se mantém ao mesmo tempo não-oculto e não-visível é parte de uma proposta foucaultiana de análise³, na qual se pressupõe a constituição de uma “superfície de inscrição” a partir da qual a experimentação possa fazer visível o que não estava oculto.

Com base na bibliografia, o que se buscou aqui não foi mostrar o que essas práticas escondiam, mas o que elas podiam revelar das modalidades de existência das crianças negras e das experiências da infância vividas por elas no contexto do Brasil oitocentista.

As imagens como fonte de pesquisa para a história da infância

Nesta pesquisa, concordando com Leite (2001), a proposição é ler a iconografia (em especial fotografia) como fonte primária capaz de contribuir para a compreensão

² Jean-Baptiste Debret integrou a Missão artística francesa que chegou ao Brasil, Rio de Janeiro, em 1816, para oficializar a fundação da Academia Real de Ciências, Artes e Ofícios. Debret retornou a França em 1834, onde preparou até 1839 a publicação de *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*.

³ Ver DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992; p. 109.

das questões a serem estudadas, embora consideremos a dificuldade de apresentar as imagens como fontes históricas, conforme salientaram Kossoy e Carneiro (2002).

Especificamente sobre o trabalho com fotografias de crianças, Burke (2004) observa que ocasionalmente elas têm sido analisadas por historiadores sociais, objetivando, acima de tudo, documentar a história da infância ou, dito de outra forma, as mudanças na visão que os adultos têm das crianças.

Para o autor, como as crianças não aparecem com muita frequência nos documentos preservados em arquivos, para escrever sua história, foi necessário encontrar outras fontes (diários, cartas, romances, pinturas, fotografias) e outras imagens. Além obviamente do fato que as crianças não produzem imagens de si mesmas, elas são retratadas pelos “outros”, os adultos. A iconografia da criança é, portanto, a imagem que o adulto extrai e produz dela.

Ariès (1981) foi um pioneiro na história da infância, bem como no uso das imagens como evidência. Embora muitos autores apresentem críticas ao trabalho de Ariès, é necessário ponderar que as principais preocupações deste residiam na escassez de representações de crianças nos primórdios da Idade Média, bem como pelo fato de elas serem representadas como adultos em miniatura. Porém, o que ganha corpo nas suas constatações é a crescente separação dos mundos sociais das crianças e dos adultos e a visibilidade dos sinais de infância ou daquilo que o próprio Ariès chama de “sentimento da infância”. Segundo o autor, o sentimento da infância não significa o mesmo que ter afeição pelas crianças, mas corresponde à consciência da particularidade infantil, ou seja, o que essencialmente distingue a criança do adulto.

A despeito das principais críticas ao trabalho de Ariès, Burke (2004) assegura que ele serviu de estímulo para um conjunto de pesquisas sobre imagens de criança, levando à reinterpretação das evidências de retratos e imagens.

Conquanto se reconheça a dificuldade de “desencavar materiais-fonte sobre infância no passado”, posto que “as próprias crianças não deixam muitos registros” (Heywood, 2004 p. 14), alguns aspectos da infância se mostram mais fáceis de documentar que outros, como por exemplo, o campo do “bem-estar” das crianças. Contudo, as experiências da infância no cotidiano são as mais difíceis de serem recriadas, embora os vestígios possam estar em vários locais.

Ao propor um estudo iconológico sobre a criança e a infância negras, busca-se contribuir para a construção social da infância, tema importante para a educação, afastando-se um pouco do enfoque dado em grande parte dos primeiros trabalhos nesse

campo, conforme Heywood (2004), “de caráter profundamente institucional, descrevendo o surgimento dos sistemas escolares, a legislação sobre o trabalho infantil, (...) os serviços de bem-estar infantil e assim por diante” (p.13).

O contexto de produção das imagens

Tendo a ênfase dos estudos sobre a escravidão no século XIX recaído sobre o universo da economia, alguns escravizados ficaram fora do foco, porque pertenciam a pequenos proprietários, tanto rurais quanto urbanos. As interpretações economicistas obscureceram o conhecimento mais apurado das relações entre os próprios escravizados, assim como destes com os libertos e os brancos pobres. Salvo raríssimas exceções, não houve silêncio nem invisibilidade maior do que aquela que incidiu sobre as mulheres e as crianças escravizadas.

Após 1850, em função do fim oficial do tráfico, a maioria dos escravizados era composta não de africanos recém-chegados, mas de filhos, netos, bisnetos e tetranetos daqueles vindos principalmente da África centro-ocidental antes da interdição continental imposta pela Inglaterra. A garantia de gerações subseqüentes é a única maneira de assegurar o desenvolvimento humano de determinada sociedade. Nesse caso, podemos supor que escravidão e parentesco sejam instituições paradoxais, como propõe Meillassoux (1995).

Nesse contexto, a procriação dos escravizados passou a ter um caráter econômico que antes de 1850 não existia. Não rara era a existência de senhores que mantinham amplo concubinato com mulheres negras e de outros que incentivavam a união entre seus escravizados como tentativa de controle da fecundidade das escravizadas por meio do incentivo à procriação, tendo como contrapartida a manumissão.

Não obstante seja possível verificar, ao longo de todo século XIX, altas taxas de mortalidade infantil, como indicam alguns autores, o tratamento dispensado às crianças filhas de escravizados sofreu uma drástica mudança com a proibição definitiva do tráfico. Tal mudança se refere ao fato de que “as peças perdidas” não seriam mais facilmente repostas. Então, passa a haver uma preocupação com a higiene e a saúde das crianças escravizadas, chegando, em casos extremos, à publicação de cartilhas de prescrição de cuidados com os mesmos.

O tráfico interno continuou a cumprir o papel de reposição, havendo, ao longo do século XIX, como aponta Lovejoy (2002), uma intensificação da captura e do tráfico

de crianças e mulheres, possivelmente condicionada pela contínua diminuição do contingente masculino adulto.

A escravidão produzia uma ruptura radical, mas nem por isso absoluta, nas culturas dos escravizados de primeira geração. Pelo registro de alguns viajantes, pode-se conhecer o fato de que as crianças africanas eram “educadas”, ou ao menos apreendiam as regras básicas de uma existência limitada pela origem, num ambiente bilíngüe (Karasch, 2000). Ou seja, as crianças eram normalmente detentoras da língua imposta pelo mundo hegemônico dos senhores enquanto acessavam o linguajar falado nas *sanjalas*⁴, nos becos, nos mercados, nas bicas, nos lavadouros e nas zonas portuárias. Essa linguagem do cotidiano não era outra senão as expressas em línguas Quimbundo, Jeje, Iorubá ou qualquer outra do tronco lingüístico Níger-Congo e, mais especificamente, do subgrupo designado Banto. E está é uma das funções importantes para aqueles que estudam a criança e a infância: a função mediadora que a criança desempenha nas relações sociais, fazendo-a protagonista no espaço social já que ocupa a função de colmatar relações.

Sob o manto pálido da categoria de aprendizes de ofício, os meninos negros (e também os pobres) eram utilizados em curtumes, padarias, alfaiatarias, sapatarias, igrejas, carpintarias, etc. Como carregadores de todo tipo de objeto, produtos de pesos variados, os meninos acompanhavam os senhores e as iaiás nas compras ou nas vendas de produtos. Quando não circulavam por espaços que por vezes eram interditados aos negros adultos, eram, entre outras coisas, acompanhantes de cegos, deficientes e idosos. Tais imagens aparecem em menor escala no trabalho de alguns gravuristas da primeira metade do século XIX.

Freqüentemente, os trabalhos dos meninos se dirigiam para fora da casa, enquanto o das meninas se voltava para dentro, como cuidar das crianças menores. Contudo, em uma das pranchas de Debret, é possível ver um moleque realizando tarefa doméstica, no caso, servindo água para a sinhá na sala de costura. Em outra, nota-se uma menina comprando milho na rua enquanto carrega no colo, encaixada na cintura, uma criança pequena.

As crianças filhas dos libertos, normalmente mulheres chefes de família, acompanhavam no trabalho as lavadeiras, as engomadeiras, as aguadeiras (ou

⁴ Forma usada em Portugal e no contexto da dominação da África portuguesa para designar a senzala.

carregadoras de água), as amas-de-leite e toda uma gama de vendedoras e vendedores ambulantes que marcavam presença nas ruas das cidades.

Além disso, moleques eram presenças importante e perturbadora nas ruas das cidades de São Paulo, Campinas, Santos, Salvador e Rio de Janeiro, entre outras, depois de meados do século XIX. Com alguma contundência, os jornais dessas cidades registraram hordas de meninos que ingressavam nos sítios e nas residências para roubar frutos nos pomares, utensílios e ferramentas; anunciavam a venda daqueles que resistiam servir aos donos ou ainda bradavam contra arruaças e desordens promovidas por eles nas ruas. Exemplo disso pode ser encontrado em Fraga Filho (1996), que escreve sobre moleques e vadios na Bahia do século XIX.

A partir desse contexto propusemos dois recortes: o primeiro trata da infância escrava e de algumas das modalidades de existência das crianças produzidas e permitidas pelo regime escravista, com base na bibliografia levantada e nas gravuras de Debret; o segundo aborda a análise dos retratos de crianças negras produzidos por Militão, em São Paulo, entre os anos de 1862 e 1885. Devido à limitação de espaço do artigo, apresentaremos somente o segundo.

Retratos de Crianças Negras em São Paulo

Os retratos de crianças negras da coleção de fotos de Militão Augusto Azevedo, pertencente ao MP/USP, fazem parte da “enciclopédia visual de personagens sociais” do fotógrafo que conta de seis volumes, “perfazendo um total de aproximadamente 12.500 retratos colados e numerados consecutivamente com a finalidade de estabelecer o correspondente número do negativo e a respectiva identificação” (Kossoy, 2002 p. 68).

Os retratos de Militão foram produzidos entre 1862 e 1885, período em que o fotógrafo manteve estabelecimento comercial na cidade de São Paulo, conforme assevera Kossoy (2002). Dos 12.500 retratos, há aproximadamente 50 fotografias de pessoas negras, entre as há quais 22 dos retratos apenas com crianças e em 7 deles elas estão com adultos.

Entre as diferenças, em comparação a outras imagens do século XIX como algumas produzidas por fotógrafos como Christiano Júnior⁵ ou Marc Ferrez⁶, está a

⁵ José Christiano de Freitas Henriques Júnior trabalhou no Rio de Janeiro entre 1863 e 1876. Suas composições mais famosas são as dos “typos de preto”, comercializadas no formato de *cartes de visite*, “bem ao gosto da antropologia social e das teses racistas em voga na Europa naquele momento”. Ver KOSSOY, 2002; p. 174.

ênfase nas pessoas e não nas funções que realizavam. O que as imagens salientam não é o exotismo do mundo do trabalho escravo, conforme observam Kossoy e Carneiro (2002) ou Ermakoff (2004), mas, sim, as próprias pessoas retratadas. Dividimos os retratos em três grupos apresentados a seguir.

As meninas

Nas fotos individuais, temos doze meninas pretas e pardas. Todas estão bem vestidas e penteadas, exceto uma menina. O cabelo penteado chama a atenção já que é uma foto posada. Podemos notar o cabelo como marca cultural negra, que, na maioria dos casos, se apresentava escondida, acomodada, comportada, civilizadamente ajustada ou simplesmente adequada ao padrão estético ocidental.

Uma das meninas tem vestimenta mais simples. O tecido de sua roupa também foi encontrado em uma foto apresentada por Ermakoff (2004, p.101), com uma legenda na qual se lê: “Negra com criança”, colocada na seção sobre babás e amas-de-leite.

Ao menos sete meninas trazem como adorno junto ao pescoço uma pequena corrente com uma cruz ou uma espécie de medalhão que sugere imagens de santos. A forte ligação dos negros com o catolicismo foi sublinhada por Florentino e Góes (2005) e também por Karasch (2000). Vestígios dessa ligação podem ser evidenciados pelo uso da cruz ou medalhão pelas meninas. Apenas uma delas porta um colar que uma mulher adulta poderia usar sem que isso a fizesse parecer infantil.

As vestimentas das meninas e das mulheres adultas, quase sempre esmeradas, raramente apresentam diferenças. É preciso considerar que as roupas usadas possivelmente não representam as vestes do dia-a-dia. Conforme Burke (2004), as pessoas costumavam usar seus melhores trajes ao posar para os retratos. Se isso era verdade para a branca nobreza européia, também o haveria de ser para os de classes e raças diferentes.

Apenas uma menina tem foto de corpo inteiro e mantém uma pose padrão para mulheres adultas na época. Nos livros consultados sobre fotografia foi possível encontrar fotos de mulheres anônimas e nobres nessa mesma pose.

Uma foto se diferencia das demais pelo traje especial utilizado pela menina. Há uma faixa com uma espécie de flor no ombro direito e um enfeite no cabelo nos mesmos

⁶ Marc Ferrez manteve um estúdio fotográfico no Rio de Janeiro de 1868 a 1905, produziu um número considerável de álbuns sobre temas brasileiros que eram vendidos especialmente para turistas. Dedicou-se também ao estudo e à divulgação de novas técnicas. Segundo Kossoy, Ferrez foi um dos maiores fotógrafos de seu tempo na sua especialidade. Ver KOSSOY, 2002; p. 134-139.

moldes. Parece um uniforme, quem sabe de um coral ou de qualquer outra atividade religiosa ou escolar, ou ainda uma faixa entregue em uma cerimônia de premiação.

Os meninos

As fotos individuais apresentam sete meninos pretos e pardos. Há ainda uma criança pequena numa cesta, uma espécie de “moisés”. Como as meninas, a maior parte dos meninos também estão trajados como adultos. Ao observar somente a vestimenta, nota-se uma indiferenciação etária entre adultos e crianças. Muitos deles usam paletó e gravata. Além disso, têm os cabelos cortados ou bem penteados como o das meninas. Somente um menino pequeno não está de paletó, ele usa uma espécie de casaco.

Há exclusivamente um menino em foto de corpo inteiro e, coincidentemente, como nas fotos das meninas, é um garoto preto. Seu olhar e sua expressão parecem demonstrar temor, desconforto ou desalento. Sua roupa parece não formar um conjunto muito coerente: o paletó é muito curto nas mangas, e a calça parece larga e grande. Talvez seja um indicativo de que roupa não seja sua, possivelmente emprestada do estúdio ou de alguém.

Poucas fotos de Militão têm a identificação do nome, da profissão ou da atividade dos indivíduos retratados. Das exceções, podemos citar dois casos: o primeiro se encontra entre as fotos de crianças, na qual a legenda diz: “Benedicto Gama (filho)⁷”; o segundo, a foto de uma mulher negra cuja legenda traz seu nome e profissão: “Catharina Pavão, engomadeira”. Nesse caso, especificar uma mulher negra com nome e sobrenome pode indicar que ela seja livre. Pelo apontamento do fotógrafo, podemos saber que Catharina é detentora de um ofício típico de negras livres e escravas de ganho.

Assim como as amas-de-leite e as quitadeiras, essas mulheres negras cumpriam um importantíssimo papel social por terem acesso ao pagamento, como deve ser o caso de Catharina Pavão, e figuram entre alguns poucos negros que poderiam pagar uma soma qualquer de dinheiro para ter sua imagem perpetuada no tempo.

Se por um lado, essas imagens mostram que alguns negros disponibilizaram alguns recursos e recorreram a um suporte técnico da modernidade, a fotografia, para fixar uma memória de si, por outro, mostram relação com a construção de uma imagem do Brasil como um país civilizado e mais, de uma São Paulo civilizada, posto que foram produzidas entre os anos de 1862 e 1886, portanto, antes da abolição oficial da

⁷ Consta dos álbuns, também com identificação, fotos de Luiz Gama, o que leva a crer que a criança fotografada seja seu filho.

escravatura na cidade de São Paulo. Schwarcz (1993) aponta que o tema “modernidade” estava presente na interpretação da sociedade da época: não mais a “mata e a selvageria”, mas sim uma imagem mais moderna, industriosa, civilizada e científica (p. 32).

Grupos

Nas fotos em que as crianças aparecem com adultos, somente em duas há homens, que é sempre o centro da foto, mesmo quando há meninos e meninas, eles são o centro. Numa delas, um homem branco sentado ocupando o centro da foto tem ao seu lado uma menina parda, bem vestida e penteada como as outras. A proximidade entre os dois sugere uma relação de intimidade, tal como de pai e filha. Em outra, um jovem negro segura uma criança negra pequena. Também há uma proximidade física entre os dois, sugerindo uma relação entre pai e filho, ou quem sabe entre irmãos. A fotografia não nos permite identificar os traços da criança, mas o homem segue o padrão observado até aqui, ou seja, terno e gravata. Há ainda uma terceira foto na qual há um casal de negros e uma adolescente negra.

Ao fotografá-las em conjunto, seja com adultos homens ou mulheres, temos um indicativo de vínculo, não necessariamente, mas possivelmente de parentesco. No caso do vínculo de parentesco direto, o registro fotográfico pode fixar a historicidade de uma linhagem, um clã. O artefato tem valor simbólico no âmbito daquele grupo familiar, transmitindo às gerações posteriores as feições, os traços físicos e os costumes de entes do passado com alguns dos quais não houve sequer uma convivência direta.

Nos retratos em que as crianças aparecem ao lado de mulheres, também se mantém a proximidade física entre elas. Num deles, uma menina parda aparece ao lado de uma mulher negra que está sentada. A roupa da mulher parece mais sofisticada que a da menina. Em outra foto, uma mulher negra segura uma criança parda pequena. Na terceira foto, uma mulher parda bem vestida posa com dois meninos. Podemos ver somente parte das vestimentas de um deles, que segue o padrão adulto masculino de vestir.

Em outras duas fotos, temos grupos de crianças. Em uma delas a proximidade não é tão grande entre as crianças como na outra, mas em ambas é possível que se trate de irmãos. Os meninos, pequenos homens como nas fotos anteriores, ocupam o centro

das duas fotos, sendo rodeados supostamente pelas irmãs. As meninas, pequenas mulheres, assim como aquelas que posaram sozinhas, estão bem vestidas e penteadas.

Ariès (1981), bem como Heywood (2004), observam que a diferenciação entre as crianças e os adultos por meio do vestuário aconteceu primeiro para os meninos e apenas nas famílias burguesas e nobres. Ariès (1981) aponta que as crianças do “povo” continuaram a usar os mesmos trajes dos adultos, conservando o “antigo modo de vida que não separava as crianças dos adultos, nem através do traje, nem através do trabalho, nem através de jogos e brincadeiras” (Ariès, 1981 p.41).

Uma foto traz duas peculiaridades. A primeira é o fato de não ser tirada em estúdio. Na janela de uma casa, de longe, vemos uma mulher e uma menina negras. Embora pouco se possa ver do modo como estão vestidas, não parecem tão bem trajadas como aquelas retratadas nas fotos anteriores. A segunda é o fato de trazer uma legenda na qual se lê: “Raphaëla e Maria Cozinheira”, o que talvez indique que Raphaëla seja a menina e Maria Cozinheira, a mulher. Mais uma vez, a única pista que temos é a diferença de estatura entre elas.

Ostentar o sobrenome ou o ofício também era uma forma de distinguir os escravizados dos forros, os inseridos dos marginalizados, os crioulos dos africanos. Ser identificado pelo ofício também era uma forma de demonstração de inserção social num mundo profundamente hierarquizado pelas posses, pela cor e pelo tipo de atividade exercida. Assim, até mesmo a inserção das crianças no mundo adulto se dava principalmente pelo trabalho, pois conforme Florentino e Góes (2005) aos 12 anos as crianças já começam a portar como sobrenome as funções que realizavam, o que, dependendo do tipo de atividade, aumentava sua cotação no mercado escravo.

Conforme Iliffe (1999), no contexto das sociedades tradicionais africanas, as crianças penetravam no mundo dos adultos em um período bem específico de sua existência, mediante rituais de passagem, normalmente relacionados à circuncisão, no caso dos meninos entre 9 e 12 anos, no caso das meninas à primeira menstruação.

A escravidão significou não apenas a interdição de costumes e práticas africanas, mas também a introdução forçada de novas práticas que desconsideravam por completo a humanidade de adultos, assim como das crianças africanas, o que independia se haviam sido vendidas como escravizadas ou geradas no cativeiro por mães cujos ventres eram cativos.

Considerações finais: entre o sentimento da infância e a invisibilidade da criança negra

A insistência no modo como as crianças estão bem vestidas e penteadas se relaciona à hipótese de que sejam filhas, parentes ou pessoas próximas de clientes do fotógrafo. Considerando a observação de Kossoy (2002) de que Militão foi um bem-sucedido retratista, tendo como contratantes de seus serviços pessoas de todos os estratos sociais, podemos supor que negros livres, libertos e até mesmo escravizados figurassem entre eles. Como exemplo disso, podemos citar o fato de que Luís Gama foi um dos clientes de Militão.

Um dos símbolos de subalternização que marcavam a escravidão na iconografia do século XIX são os pés descalços. Porém, em muitas das fotos analisadas aqui, nas quais pudemos observar esse aspecto, os negros estão calçados. Isso demonstra que se trata de pessoas com algum poder aquisitivo, que podiam atender a alguns padrões sociais, embora seja prudente considerar que tanto a roupa quanto o sapato pudessem ser disponibilizados pelo fotógrafo. Mais que se deixar representar “conforme o padrão branco” (Kossoy e Carneiro 2002), essas imagens também mostram uma espécie de enfrentamento dos negros aos padrões hegemônicos vigentes na época, posto que usam símbolos de poder e *status* do “outro civilizado” para sua própria representação.

De outro lado, mostra que o retratado está inserindo, marcando certa distinção entre esses negros e os outros negros e mostrando certa ascensão ou mobilidade. Ermakoff (2004) também salientou que a mobilidade social seria perceptível pelas situações e vestimentas com que alguns negros foram retratados.

Nesse sentido, a partir dessas fotografias poderíamos retomar a noção foucaultiana⁸ de acontecimento, conforme a usou Fonseca (2002b), porque elas podem demonstrar uma relação de forças que se inverte. Um símbolo, uma forma de poder de uma classe ou raça que é tomado e, em alguma medida, se volta contra seus “utilizadores”, obrigando aos “lesados” a buscar outras formas de legitimação de seu *status*.

Dias (1995) observa que, na cidade de São Paulo, desde muito antes do período em que as fotos foram produzidas, a aristocracia sempre buscou formas de marcar sua posição. Para a autora, a presença de escravizados africanos na cidade trouxe uma exacerbação de valores aristocráticos e dos rituais de hierarquia social. Em 1812, duas

⁸ FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 18.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

senhoras, movidas não se sabe por qual razão, solicitaram à Câmara Municipal um atestado de sua posição social, por meio do qual todos saberiam que: “(...) as sobreditas senhoras vivem recolhidas em sua casa e se tratam com muita distinção e lei da nobreza” (Dias, 1995 p. 99).

De modo geral, as imagens de crianças também corroboram alguns estudos europeus sobre iconografia da Idade Média e dos séculos XVII a XIX com crianças, a exemplo de Ariès (1981) ou Chalmel (2004). Nesses trabalhos, muito se ressaltou das imagens de crianças as representando muito parecidas com os adultos em retratos pintados. Nas fotografias analisadas aqui, a proximidade se dá especialmente pelo vestuário. Mesmo considerando que adultos e crianças estejam posando em seus melhores trajes, o modo como se vestem ocasiona uma espécie de indiferenciação etária, marcada apenas pela diferença de tamanho. O mesmo também vale para as representações da escravidão, nas quais as quitandeiras e os pequenos vendedores, igualados pelo trabalho, se diferenciam pela estatura.

Nas imagens de Debret e em algumas fotografias do século XIX, um dos sinais perceptíveis da infância negra é a experiência ligada ao trabalho e à escravidão. Além do tamanho, crianças e adultos também se diferem (ou se igualam) nos tipos de tarefas que realizam. Ainda que não tenham idade para realizar trabalhos, as crianças pequenas, por exemplo, estão às costas de suas mães para que estas tenham as mãos livres para os afazeres. Mesmo considerando que essa seja uma prática cultural de tradição africana e também indígena, na escravidão ela ganha outro contexto. Ao tomarmos a infância como experiência, constatamos que a maior vivência da criança negra está relacionada ao mundo do trabalho.

O hábito de carregar as crianças às costas era largamente empreendido por mulheres negras e mestiças que circulavam no meio urbano. Seja como escravas de ganho seja como ambulantes libertas, os viajantes perceberam sua importância na vida social cidadina. Rugendas registrou esse costume em diferentes imagens. Em uma delas, nove mulheres ocupam o centro da cena, três das quais carregando crianças às costas.

Quando nos deparamos com gravuras realizadas na África no século XIX, somos instigados a estabelecer laços de continuidade em vários aspectos das habilidades africanas transferidas ao mundo diaspórico. Tratando-se de um cuidado muito específico dedicado às crianças pequenas, supomos que tal tratamento despendido à primeira infância seja um traço de unidade no contexto africano, cuja temporalidade é de difícil precisão, mas que, no Brasil, se disseminou trazido por mulheres africanas.

Em muitas outras imagens, mesmo não estando às costas das mulheres, as crianças negras pequenas aparecem como parte do cenário de trabalho dos adultos: estão no chão de terreiros de café, das cozinhas e das salas de costura, enquanto os olhares dos adultos ou das crianças maiores estão voltados para as atividades do trabalho que realizam. Estão ainda nas salas de jantar enquanto negros e negras adultos cuidam da alimentação dos senhores, ou seja, trabalham. Estão por ali sendo “mal-acostumadas” com os restos do jantar, aprendendo, segundo Debret, a “gulodice” que os levaria, depois dos cinco ou seis anos de idade, a “roubar as frutas do jardim” ou “disputar com pequenos animais domésticos os restos de comida”. Estão ainda sob o cuidado de outras crianças, um pouco maiores, como se pode ver em algumas imagens.

Se considerarmos a presença de brinquedos ou do brincar como um sinal de infância, esta será uma imagem quase não vista em relação às crianças negras no século XIX. Somente em duas imagens de Debret, observamos esses sinais. Em uma, a cena da malhação do Judas, é possível perceber crianças negras brincando. Na outra, alguns meninos brincam com pedaços de pau fazendo o papel de cavalo e portando chapéus de papel. Também nas fotos do capítulo de Ermakoff (2004) sobre as crianças, há uma única foto em que um menino aparece com um cachorro. Pela sua postura, é possível ponderar que se trate de um animal de estimação.

Ao mesmo tempo em que as práticas escravistas produziram exacerbadamente a imagem exótica do trabalho escravo, elas também criaram a invisibilidade das pessoas negras, em especial das crianças, evidenciada pela falta de sinais de infância e pela proximidade com o trabalho. Portanto, isso nos leva a crer que, entre a infância escrava, aquela em perigo (como as crianças expostas e as nascidas livres de ventre escravo) e a perigosa (como os moleques que perturbavam a ordem nas ruas das cidades), as práticas do século XIX produziram, sobretudo uma ambigüidade: a existência de um sentimento de infância e a invisibilidade da criança e da infância negra.

Referências bibliográficas

AGASSIZ, L.; AGASSIZ, E. C. *Viagem ao Brasil, 1865-1866*. Trad. Edgar Sússekind de Mendonça. Brasília: Senado Federal, 2000.

ALENCASTRO, L. F. (org.). *Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (Coleção História da vida privada no Brasil, v. 2).

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

- BRUNO, E. S. *Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira*. 1.ed. São Paulo: Edusp/Museu da Casa Brasileira, 2001.
- BURKE, P. *Testemunha ocular: história e imagem*. Trad. Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: Edusc, 2004.
- CIVILETTI, M. V. P. *O cuidado às crianças pequenas no Brasil escravista*. Cadernos de Pesquisa, n. 76, p. 31-40. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, fevereiro de 1991.
- CHALMEL, L. *Imagens de crianças e crianças nas imagens: representações da infância na iconografia pedagógica nos séculos XVII e XVIII*. Educação e Sociedade, n. 86, v. 25, p. 57-74. Campinas, abril de 2004.
- DEBRET, J. B. *Rio de Janeiro, cidade mestiça: nascimento da imagem de uma nação*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Viagem pictoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1989.
- DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DIAS, M. O. L. S. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ENGEMANN, C. *Da comunidade escrava e suas possibilidades, séculos XVII-XIX*. In: FLORENTINO, M. (org.), 2005.
- ERMAKOFF, G. *O negro na fotografia brasileira do século XIX*. Rio de Janeiro: Casa Editorial, 2004.
- FABRIS, A. (org.). *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1991.
- FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. M. (orgs.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Papyrus, 2001.
- FLORENTINO, M. (org.). *Tráfico, cativo e liberdade: Rio de Janeiro, séculos XVII-XIX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FLORENTINO, M.; GÓES, J. R. *Morfologias da infância escrava: Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX*. In: FLORENTINO, M. (org.) 2005.

- FONSECA, M. V. *A educação dos negros: uma nova face do processo de abolição da escravidão no Brasil*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002a.
- _____. Educação e escravidão: um desafio para a análise historiográfica. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 4, p. 123-144. Campinas: Autores Associados, jul./dez. de 2002b.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 18.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- FRAGA FILHO, W. *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX*. São Paulo/Salvador: Hucitec/Editora da UFBA, 1996.
- FREITAS, M. C. (org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.
- GOMES, F. S. *Histórias de quilombolas: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HEYWOOD, C. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ILIFFE, J. *Os africanos: história dum continente*. Lisboa: Terramar, 1999.
- KARASCH, M. C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- KOSSOY, B. *Dicionário histórico-fotográfico brasileiro: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910)*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.
- _____. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- KOSSOY, B.; CARNEIRO, M. L. T. *O olhar europeu: o negro na fotografia brasileira do século XIX*. São Paulo: Edusp, 2002.
- LEITE, M. M. *A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem*. In: FREITAS, M. C. (org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997.
- _____. *Texto visual e texto verbal*. In: FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. M. (orgs.), 2001.
- LOVEJOY, P. E. *A escravidão na África: uma história de suas transformações*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

- MARCÍLIO, M. L. *A roda dos expostos e a criança abandonada na história do Brasil (1726-1950)*. In: FREITAS, M. C. (org.), 1997.
- MATOSO, K. *O filho da escrava*. In: PRIORE, M. D. (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.
- MAUAD, A. M. *Imagem e auto-imagem do segundo reinado*. In: ALENCASTRO, L. F. (org.). 1997; p. 181-231.
- M'BOKOLO, E. *África negra: história e civilizações: até o século XVIII*. Lisboa: Vulgata, 2003.
- MEILASSOUX, C. *Antropologia da escravidão: o ventre de ferro e dinheiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- MONARCHA, C. (org.). *Educação da infância brasileira: 1875-1983*. Campinas: Autores Associados, 2001.
- MUNANGA, K. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo e etnia*. Niterói: PENESB, 2003.
- READER, J. *África: biografia de um continente*. Lisboa: Europa-América, 2002.
- SHWARCZ, L. K. M. *O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SHWARCZ, L. K. M. *O olho do rei: construções iconográficas e simbólicas em torno de um monarca tropical, o imperador D. Pedro I*. In: FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. M. (orgs.), 2001.
- SLENES, R. W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil, Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- VASCONCELOS, V. M. R. (org.). *Educação da infância: história e política*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- VEYNE, P. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4.ed. Brasília: Editora da UnB, 1998.
- WALSH, R. *Notícias do Brasil (1828-1829)*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1985.

